



Copyright ©2017 by Antoine de Saint-Exupéry

EDITORA ILLUMINARE
Caixa Postal 49 – Torres – RS
95560-000
www.editorailluminare.com.br

Coordenação e Edição
Rô Mierling

Diagramação
Milena Moraes

Revisão
Cláudia Gomes Fonseca

Tradução
Andréa Correa Paraiso Müller
Janeffer Desselman

Ilustrações Originais
Antoine de Saint-Exupéry

Capa e Arte Final
Rony Duarte – ASN Designs

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de
S632c O Pequeno Príncipe. Antoine de Saint-Exupéry. Ponta Grossa, Paraná:
Editora Illuminare, 2017.
978-85-68904-79-4

1. Literatura Infantil 2 Literatura Francesa I. Título.
CDD: 869.93.
CDU: 821.134.3-3

Antoine de Saint-Exupéry

O PEQUENO PRÍNCIPE

Tradução

Andréa Correa Paraiso Müller / Janeffer Desselman

Organização e Edição

Rô Mierling

Editora Illuminare
Ponta Grossa – Paraná
2017

A LÉON WERTH

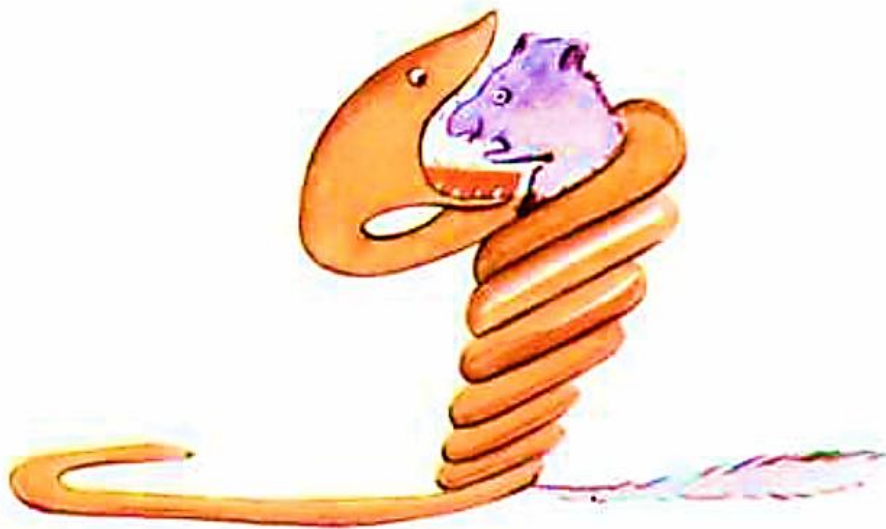
Peço perdão às crianças por ter dedicado este livro a um adulto. Tenho uma boa desculpa: esse adulto é o melhor amigo que tenho no mundo. Tenho uma outra desculpa: esse adulto é capaz de compreender tudo, até os livros para crianças. Tenho ainda uma terceira desculpa: esse adulto mora na França, onde está passando fome e frio, ele precisa ser consolado. Se todas essas desculpas não forem suficientes, quero dedicar este livro à criança que esse adulto foi um dia. Todos os adultos já foram crianças (mas poucos se lembram disso).

Corrijo, então, minha dedicatória:

A Léon Werth, quando era menino.

Capítulo 1

Quando eu tinha seis anos, vi uma imagem magnífica em um livro sobre a floresta virgem chamado *Histórias Vividas*. Representava uma jiboia engolindo um animal selvagem. Aqui está a cópia do desenho:



No livro estava escrito assim: “As jiboias engolem sua presa inteira, sem mastigá-la e depois disso, não conseguem mais se mexer e dormem durante os seis meses da digestão.”

Pensei muito sobre as aventuras da selva e consegui, com um lápis de cor, fazer meu primeiro desenho. Meu desenho número 1. Ele era assim:

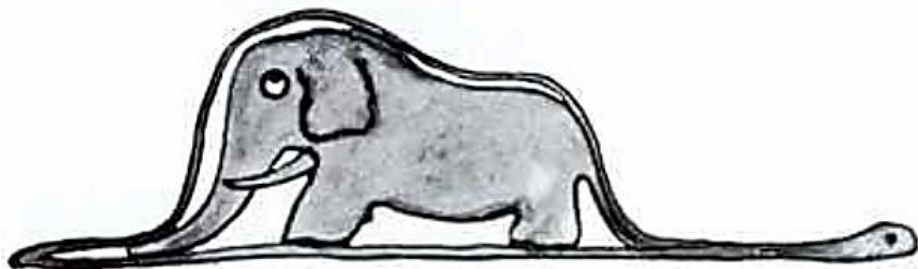


Mostrei minha obra-prima aos adultos e perguntei se o meu desenho dava medo. Eles me responderam: “Por que um chapéu daria medo?”

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia engolindo um elefante.

Desenhei então o interior da jiboia para que os adultos pudessem entender. Eles sempre precisam de explicações.

Meu desenho número 2 era assim:



Os adultos me aconselharam a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas e a me interessar mais por geografia, história, matemática e gramática.

Foi assim que abandonei, aos seis anos de idade, uma magnífica carreira de pintor. Eu havia sido desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2.

Os adultos nunca entendem nada sozinhos, e é cansativo para as crianças ficar o tempo todo lhes dando explicações.

Tive, então, que escolher uma outra profissão, e aprendi a pilotar aviões. Voeei por quase o mundo todo. E a geografia, sem dúvida, ajudou-me muito. Eu sabia distinguir, no primeiro golpe de vista, a China do Arizona. Isso é muito útil quando se está perdido à noite.

Tive, assim, no decorrer da vida, muitos contatos com uma porção de gente séria. Convivi muito com os adultos. Eu os vi de muito perto. Isso não melhorou muito minha opinião sobre eles.

Quando encontrava um que parecia um pouco lúcido, eu fazia a experiência de mostrar o meu desenho número 1, que sempre guardei comigo. Eu queria saber se ele era realmente capaz de entender.

Mas ele sempre me dizia: “É um chapéu.”

Então eu não lhe falava nem de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas.

Colocava-me no seu nível. Falava de bridge, de golfe, de política e de gravatas. E o adulto ficava bem contente por conhecer um homem tão sensato.

A collection of yellow five-pointed stars of varying sizes scattered in the upper left and center of the page.

Capítulo 2

Vivi, portanto, só e sem ninguém com quem conversar de verdade, até sofrer uma pane no deserto do Saara, há seis anos. Alguma coisa se quebrara no motor do meu avião. E, como eu não tinha comigo nem mecânico nem passageiros, preparei-me para tentar fazer, sozinho, um conserto difícil. Era, para mim, uma questão de vida ou morte. A água que eu tinha para beber mal dava para oito dias.

Na primeira noite, adormeci na areia, a mil milhas de qualquer terra habitada. Eu estava bem mais isolado do que um náufrago em uma jangada no meio do oceano.

Imaginem, então, a minha surpresa, ao amanhecer, quando uma vozinha estranha me acordou.

Ela dizia:

- Por favor... desenhe um carneiro para mim!
- O quê?
- Desenhe um carneiro para mim...

Levantei-me num salto, como se eu tivesse sido atingido por um raio.

Esfreguei os olhos, olhei e vi um rapazinho absolutamente extraordinário que me observava com ar sério.

Tentei desenhá-lo da melhor maneira possível. Mas é claro que o meu desenho era muito menos encantador do que o modelo. A culpa não era minha. Eu havia sido desencorajado da minha carreira de pintor aos seis anos pelos adultos e não aprendera a desenhar nada, a não ser jiboias abertas e fechadas.

Olhei, então, para aquela aparição, com os olhos arregalados de espanto. Não se esqueçam de que eu me encontrava a mil milhas de qualquer região habitada.

Ora, o meu rapazinho não parecia nem perdido, nem morto de cansaço, nem de sede, nem de fome ou de medo.

Ele não aparentava em nada uma criança perdida no meio do deserto, a mil milhas de qualquer região habitada.

Quando consegui, finalmente, falar, disse-lhe:

– Mas... o que você está fazendo aqui?

E ele me repetiu, então, lentamente, como se fosse uma coisa muito séria:

– Por favor... desene um carneiro para mim...

Quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa desobedecer. Por mais absurdo que me parecesse, a mil milhas de todos os lugares habitados e em perigo de morte, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta.

Mas lembrei-me então, de que eu já havia estudado geografia, história, matemática e gramática e disse ao rapazinho (com um pouco de mau humor) que eu não sabia desenhar.

Ele me respondeu:

– Não faz mal. Desenhe um carneiro para mim.

Como eu nunca havia desenhado um carneiro, refiz para ele um dos dois únicos desenhos que eu sabia fazer: o da jiboia fechada. E fiquei estupefato ao ouvir o garoto me responder:

– Não! Não! Não quero um elefante dentro de uma jiboia. Jiboias são muito perigosas, e elefantes ocupam muito espaço. O lugar onde moro é muito pequeno. Preciso de um carneiro. Desenhe um carneiro para mim. Então eu desenhei.



Ele olhou atentamente e disse:

–Não! Esse aí está muito doente. Faça outro para mim.

E eu desenhei:



Meu amigo sorriu gentilmente, com indulgência:

– Veja bem... Isso não é um carneiro, é um bode. Tem chifres...

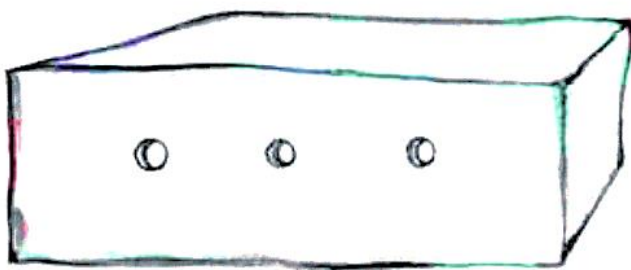
Refiz outra vez meu desenho:



Mas ele foi recusado, como os anteriores:

– Esse aí é muito velho. Quero um carneiro que viva por muito tempo.

Então, já sem paciência, como eu tinha pressa de começar a desmontar meu motor, rabisquei este desenho:



E soltei:

– Isto aqui é a caixa. O carneiro que você quer está dentro.

Fiquei bem surpreso ao ver iluminar-se o rosto do meu jovem juiz:

– Era assim mesmo que eu queria! Você acha que será necessário muito capim para este carneiro?

– Por quê?

– Porque o lugar onde moro é pequenininho...

– Vai ser suficiente, com certeza. Eu te dei um carneiro pequeno.

Inclinou a cabeça para o desenho:

– Não é tão pequeno assim... Olha! Ele dormiu...

E foi assim que conheci o pequeno príncipe.



Este é o melhor retrato que, mais tarde, fiz dele.



Capítulo 3

Precisei de muito tempo para entender de onde ele vinha.

O pequeno príncipe, que me fazia tantas perguntas, parecia nunca ouvir as minhas. Foram palavras pronunciadas ao acaso que, pouco a pouco, foram me revelando tudo.

Assim, quando ele viu pela primeira vez o meu avião (não desenharei meu avião, é um desenho complicado demais para mim), perguntou-me:

– O que é essa coisa?

– Não é uma coisa. Isso voa. É um avião. O meu avião.

Eu estava orgulhoso de ensinar-lhe que aquilo voava. Ele, então, exclamou:

– Como? Você caiu do céu?

– Sim – respondi modestamente.

– Ah! É engraçado...

E o pequeno príncipe deu uma bela gargalhada que me irritou bastante. Quero que levem minhas desgraças a sério. Em seguida, acrescentou:

– Então você também vem do céu? De que planeta você é?

Vislumbrei uma luz no mistério da sua presença, e indaguei bruscamente:

– Então você vem de outro planeta?

Mas ele não me respondeu. Balançava lentamente a cabeça, observando o meu avião:

– É verdade que, dentro disso aí, você não pode ter vindo de muito longe...

E imergiu em um devaneio que durou um bom tempo. Depois, tirando meu carneiro do bolso, mergulhou na contemplação do seu tesouro.



Imaginem o quanto eu ficara intrigado com aquela meia confidência sobre “os outros planetas”. Esforcei-me, então, para saber um pouco mais:

– De onde você vem, meu rapazinho? Onde é a sua casa? Para onde você quer levar meu carneiro?

Respondeu-me, após um silêncio meditativo:

– O bom é que a caixa que você me deu servirá de casa para ele à noite.

– Claro. E, se você for bonzinho, eu lhe darei também uma corda para amarrar o carneiro durante o dia. E uma estaca.

– Amarrar? Que ideia mais esquisita!

– Mas, se você não o amarrar, ele irá para todo lado e se perderá...

Meu amigo deu uma nova gargalhada:

– Mas aonde você acha que ele vai?

– Para qualquer lugar. Andando sempre em frente.

Então o pequeno príncipe observou, com ar sério:

– Não faz mal, é tão pequeno lá onde moro!

E, talvez com um pouco de melancolia, acrescentou:

– Andando sempre em frente não se pode ir muito longe...



Capítulo 4

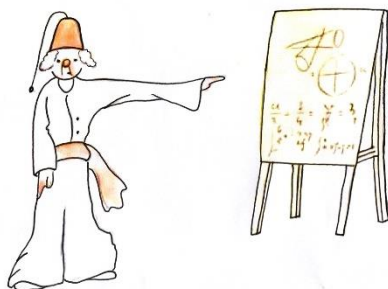
Eu havia descoberto, portanto, uma segunda coisa muito importante: que o seu planeta de origem era pouco maior do que uma casa!

Isso não me surpreendia muito. Eu sabia muito bem que, além dos grandes planetas, como a Terra, Júpiter, Marte, Vênus, aos quais foram dados nomes, existem centenas de outros que são, muitas vezes, tão pequenos que temos dificuldade de enxergá-los no telescópio. Quando um astrônomo descobre um deles, nomeia-o com um número. Chama-o, por exemplo: “o asteroide 3251”.

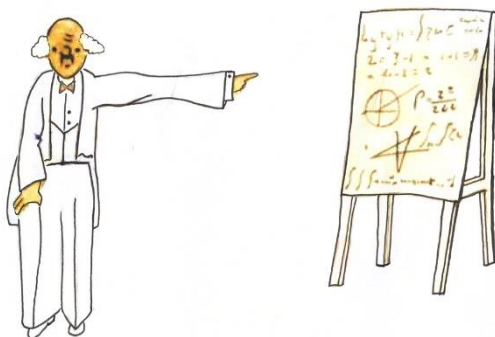
Tenho sérias razões para acreditar que o planeta de onde vinha o pequeno príncipe era o asteroide B612. Esse asteroide só foi visto uma vez pelo telescópio, em 1909, por um astrônomo turco.



Ele havia feito, na época, uma grande apresentação da sua descoberta em um Congresso Internacional de Astronomia. Mas ninguém acreditara nele, por causa de suas roupas. Os adultos são assim mesmo.



Felizmente para a reputação do asteroide B612, um ditador turco obrigou seu povo, sob pena de morte, a vestir-se à moda europeia. O astrônomo refez sua apresentação em 1920, com uma roupa elegante. E, dessa vez, todo mundo o levou a sério.



Se contei a vocês esses detalhes sobre o asteroide B612 e se lhes disse esse número, foi por causa dos adultos. Eles adoram números. Quando a gente fala de um novo amigo, eles nunca perguntam sobre o essencial. Jamais dizem: “Qual é o som da sua voz? Quais são suas brincadeiras preferidas? Ele coleciona borboletas?”

Eles perguntam: “Que idade ele tem? Quantos irmãos ele tem? Quanto pesa? Quanto o pai dele ganha?”

Somente assim eles acreditam conhecê-lo. Se você disser aos adultos: “Vi uma bela casa de tijolos rosa, com gerânios na janela e pombas no telhado...”, eles não vão conseguir imaginar essa casa. É preciso dizer-lhes: “Vi uma casa de cem mil francos”. Então eles vão exclamar: “Como é bonita!”

Assim, se a gente lhes disser: “A prova de que o pequeno príncipe existiu é que ele era encantador, que ele ria e que queria um carneiro (quando alguém quer um carneiro é porque existe)”, eles darão de ombros e nos chamarão de crianças. Mas se lhes dissermos: “O planeta de onde ele vinha é o asteroide B612”, eles acreditarão e não incomodarão mais com perguntas. Os adultos são assim. Não precisa se zangar com eles por causa disso. As crianças têm que ser muito

pacientes com os adultos. Mas é claro que, nós que compreendemos a vida, não ligamos para números! Eu gostaria de ter começado esta história como se fosse um conto de fadas. Gostaria de ter dito assim:

“Era uma vez um pequeno príncipe que vivia em um planeta pouco maior do que ele, e que precisava de um amigo...” Para os que compreendem a vida, teria soado muito mais verdadeiro.

Não gosto que leiam meu livro superficialmente. Sinto tanta tristeza ao narrar estas lembranças. Já faz seis anos que meu amigo se foi com seu carneiro. Se estou tentando descrevê-lo aqui, é para não o esquecer. É triste esquecer um amigo. E eu posso acabar ficando como os adultos que só se interessam por números. Foi por isso também que comprei uma caixa de tintas e lápis. É duro voltar a desenhar na minha idade, quando nunca se fez outra tentativa a não ser a da jiboia aberta e a da jiboia fechada, aos seis anos!

Tentarei, é claro, fazer retratos com a maior fidelidade possível. Mas não estou totalmente certo de que vou conseguir. Um desenho vai, o outro já não sai muito parecido. Atrapalho-me um pouco também com o tamanho. Em um desenho o pequeno príncipe está muito grande. Em outro, muito pequeno. Hesito

também quanto à cor da sua roupa. Vou tentando, aqui e ali, mais ou menos. Esquecerei, certamente, alguns detalhes mais importantes. Mas isso terão de me perdoar.

Meu amigo jamais me dava explicações. Talvez ele pensasse que eu era semelhante a ele.

Mas eu, infelizmente, não sei ver carneiros através de caixas. Sou, talvez, um pouco como os adultos. Devo ter envelhecido.

Capítulo 5

Acada dia, eu ficava sabendo de alguma coisa sobre o planeta, sobre a partida, sobre a viagem. Essas informações vinham devagarinho, ao acaso das reflexões. Foi assim que, no terceiro dia, conheci o drama dos baobás.

Dessa vez também foi graças ao carneiro, pois, bruscamente, o pequeno príncipe me fez uma pergunta, como se estivesse tomado por uma dúvida séria:

- É verdade que carneiros comem arbustos?
- Sim. É verdade.
- Ah! Fico contente.

Não entendi por que era tão importante que carneiros comessem arbustos. Mas o pequeno príncipe acrescentou:

- Consequentemente, comem também baobás?

Expliquei ao pequeno príncipe que os baobás não são arbustos, mas árvores grandes como igrejas e que, mesmo que ele levasse consigo uma manada de elefantes, essa manada não conseguiria destruir um só

baobá sequer. A ideia da manada de elefantes fez rir o pequeno príncipe:

– Seria preciso colocá-los uns sobre os outros...



E observou com sabedoria:

– Os baobás, antes de crescerem, são pequenos.
– Isso mesmo. Mas por que você quer que os seus carneiros comam os baobás pequenos?

Ele me respondeu:

–Bem... Vejamos! – Como se fosse algo evidente.

E eu precisei de um grande esforço de inteligência para entender sozinho aquela questão.

E, de fato, no planeta do pequeno príncipe havia, como em todos os planetas, ervas boas e ervas daninhas. Consequentemente, sementes boas de ervas boas e sementes ruins de ervas daninhas. Mas sementes são invisíveis. Elas dormem no fundo da terra até que uma delas resolva despertar. Então ela se espreguiça e lança, na direção do sol, um encantador galhinho inofensivo.

Se for um galhinho de rabanete ou de roseira, podemos deixá-lo crescer à vontade. Mas se for uma planta ruim, é preciso arrancá-la logo, assim que percebemos que não é boa. Ora, havia sementes terríveis no planeta do pequeno príncipe... Eram sementes de baobá.

O solo do planeta estava infestado delas. Ora, se a gente demorar para perceber um baobá, não se livra dele nunca mais. Ele atravanca o planeta todo, perfura-o com suas raízes.

E, se o planeta for muito pequeno e os baobás forem muito numerosos, fazem com que o planeta arrebente.



– É uma questão de disciplina – disse-me, mais tarde, o pequeno príncipe. – Quando terminamos nossa higiene matinal, é preciso fazer cuidadosamente a higiene do planeta. É preciso comprometer-se a arrancar os baobás logo que eles se distinguem das roseiras, com as quais se parecem muito quando pequenos. É um trabalho entediante, mas muito fácil.

E um dia ele me aconselhou a me esforçar e fazer um belo desenho para ensinar essas coisas às crianças do meu planeta:

– Se elas viajarem um dia, – dizia-me ele – isso poderá lhes ser útil. Não há problemas, às vezes, em adiar um trabalho. Mas, em se tratando de baobás, é

sempre uma catástrofe. Conheci um planeta habitado por um preguiçoso. Ele havia negligenciado três arbustos...

E, seguindo as indicações do pequeno príncipe, desenhei um planeta

Não gosto de bancar o moralista.

Mas o perigo dos baobás é tão pouco conhecido, e os riscos para quem vier a se perder em um asteroide são tão grandes que, ao menos uma vez, abro exceção.

Digo: “Crianças! Cuidado com os baobás!”

Foi para advertir meus amigos de um perigo que estava pertinho deles, e até mesmo de mim, há tanto tempo sem que soubéssemos, que caprichei tanto naquele desenho.

A lição que eu estava transmitindo valia a pena.

Pode ser que vocês se perguntem: “Por que não existem, neste livro, outros desenhos tão grandiosos como o dos baobás?”

A resposta é bem simples: tentei, mas não consegui!

Quando desenhei os baobás, estava
impulsionado pelo sentimento de urgência.



Capítulo 6

Ah, pequeno príncipe, fui entendendo, assim, aos poucos, sua vidinha melancólica. Por muito tempo, você não havia tido outra distração além da doçura do pôr do sol. Fiquei sabendo desse novo detalhe no quarto dia, pela manhã, quando você me disse:

- Gosto do pôr do sol. Vamos ver um...
- Mas é preciso esperar.
- Esperar o quê?
- Esperar que o sol se ponha.

Você ficou com um ar muito sério de início e, em seguida, riu de si mesmo. E disse:

- Eu sempre acho que estou em casa!

Realmente, quando é meio-dia nos Estados Unidos, o sol, como todo mundo sabe, está se pondo na França. Bastaria conseguir ir à França em um minuto para assistir ao pôr do sol. Infelizmente, a França é longe demais. Mas, no seu pequeno planeta, era só afastar a cadeira alguns passos. E você podia ver o pôr do sol quantas vezes desejasse...

- Um dia, vi o sol se pôr quarenta e três vezes!

E, um pouco mais tarde, você acrescentou:
– Você sabe... quando a gente está muito triste,
gosta de olhar o pôr do sol...
– No dia das quarenta e três vezes você estava,
então, muito triste?
Mas o pequeno príncipe não respondeu.



Capítulo 7

No quinto dia, novamente graças ao carneiro, um segredo da vida do pequeno príncipe me foi revelado. Ele me perguntou diretamente, sem rodeios, como se fosse o fruto de uma longa e silenciosa reflexão:

– Se carneiro come arbustos, come também flores?

– Carneiro come tudo o que vê pela frente.

– Até flores que têm espinhos?

– Sim. Até flores que têm espinhos.

– Então para que servem os espinhos?

Eu não sabia. Estava muito ocupado naquele momento, tentando desatarraxar um parafuso muito apertado do motor. Estava muito preocupado, pois a pane começava parecer muito grave, e a água que eu tinha para beber estava acabando, o que me fazia temer o pior.

– Os espinhos servem para quê?

O pequeno príncipe nunca desistia de uma pergunta. Eu estava irritado por causa do parafuso e respondi qualquer coisa:

– Não servem para nada, é pura maldade das flores!

– Oh!

Mas, após um silêncio, ele disparou, com uma espécie de rancor:

– Não acredito em você! Flores são frágeis. São ingênuas. Protegem-se como podem. Elas se acham terríveis com seus espinhos...

Não respondi. Naquele instante eu pensava comigo: “Se esse parafuso não sair, vou arrancá-lo com uma martelada.” O pequeno príncipe atrapalhou de novo os meus pensamentos:

– E você acha que as flores...

– Não! Não! Eu não acho nada! – Respondi qualquer coisa.– Eu só me ocupo com coisas sérias!

Ele me olhou estupefato:

– Coisas sérias!

Ele estava me vendo com o martelo na mão, os dedos sujos de graxa, debruçado sobre uma máquina que lhe parecia muito feia.

– Você está falando como os adultos!!

Fiquei um pouco envergonhado. Mas, impiedoso, ele acrescentou:

– Você confunde tudo... mistura tudo!

Ele estava realmente muito irritado. Sacudia ao vento seus cabelos dourados.

– Conheço um planeta onde mora um senhor escarlate. Nunca cheirou uma flor. Nunca olhou uma estrela. Nunca amou ninguém. Nunca fez nada além de contas. E o dia todo fica repetindo, como você: “Sou um homem sério! Sou um homem sério!” E isso o faz inchar de orgulho. Mas não é um homem, é um cogumelo!

– Um o quê?

– Um cogumelo!

O pequeno príncipe estava pálido de raiva.

– Faz milhões de anos que as flores produzem espinhos. Faz milhões de anos que carneiros comem flores mesmo assim. E não é uma coisa séria procurar entender por que elas se esforçam tanto para produzir espinhos que nunca servem para nada? Não é importante a guerra dos carneiros e das flores? Não é mais sério e mais importante do que as contas de um gordo senhor vermelho? E se eu conheço uma flor única no mundo, que não existe em parte alguma a não ser no meu planeta, e se um carneiro pode destruí-la de uma vez, em uma manhã, sem se dar conta do que está fazendo, isso não é importante?

Enrubesceu, depois continuou:

– Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para que ele se sinta feliz quando olha as estrelas. Ele pensa consigo: “Minha flor está lá, em algum lugar...” Mas se um carneiro come a flor, é como se, de repente, todas as estrelas se apagassem! E isso não tem importância?

Não consegui dizer mais nada. Ele irrompeu em choro. A noite caía. Larguei minhas ferramentas.

Pouco me importavam agora meu martelo, meu parafuso, a sede e a morte.

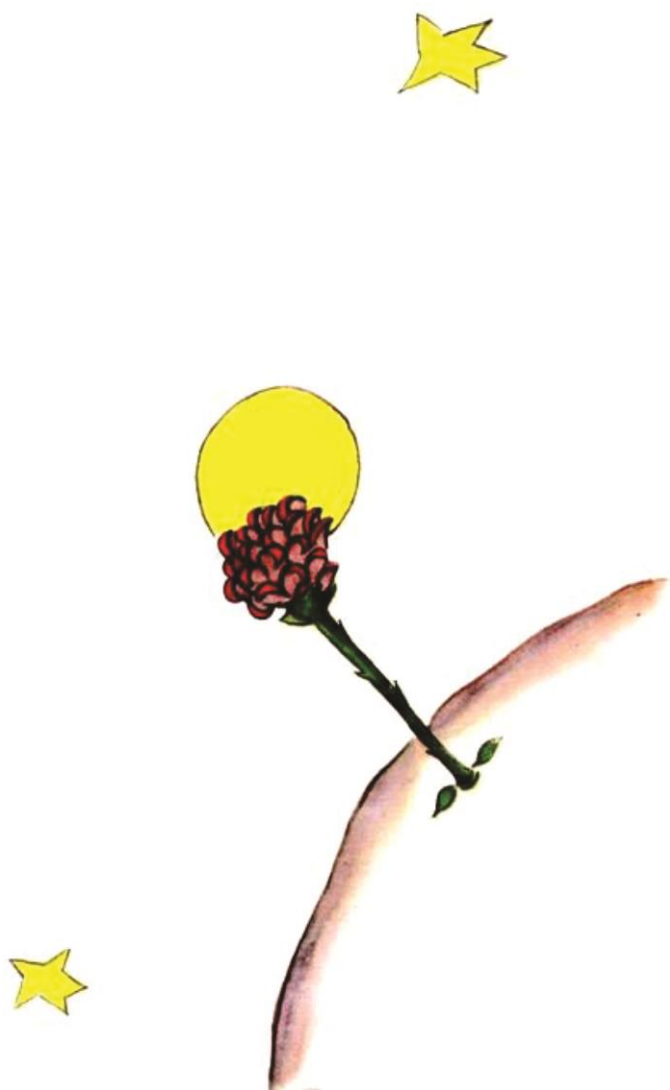
Havia, em uma estrela, em um planeta, o meu, a Terra, um pequeno príncipe precisando de consolo! Peguei-o nos braços.

Embalei-o. Dizia-lhe:

– A flor que você ama não está em perigo... Vou desenhar uma focinheira para o seu carneiro... E uma armadura para a sua flor... Eu...

Eu não sabia direito o que dizer. Sentia-me muito desajeitado.

Não sabia como consolá-lo, como me aproximar dele. É tão misterioso o país das lágrimas...





Capítulo 8

Aprendi logo a conhecer melhor aquela flor. Sempre houvera, no planeta do pequeno príncipe, flores muito simples, enfeitadas com uma única fileira de pétalas, que não tomavam muito espaço nem incomodavam ninguém.

Desabrochavam de manhã, na relva, e, no final do dia, já estavam murchas. Aquela, no entanto, havia germinado de uma semente trazida não se sabe de onde, e o pequeno príncipe vigiara de perto aquele broto que não se parecia com os outros. Podia ser uma nova espécie de baobá. Mas o arbusto parou logo de crescer e começou a preparar uma flor.

O pequeno príncipe, que assistia ao nascimento de um enorme botão, sentia que dali sairia uma aparição miraculosa, mas a flor não terminava nunca de se preparar para ser bela, no abrigo de seu aposento verde. Escolhia com cuidado suas cores. Vestia-se lentamente, ajustava, uma a uma, suas pétalas. Não queria sair toda amarrotada como os cravos. Só queria aparecer no pleno esplendor da sua beleza.

Ah, sim, ela era muito vaidosa! Seu misterioso preparo durara, portanto, dias e dias. E eis que, uma manhã, justamente ao nascer do sol, ela apareceu.

E ela, que havia se preparado com tanto capricho, disse, bocejando:

- Ah! Acabei de acordar... Peço desculpas... Ainda estou toda despenteada...

O pequeno príncipe não conteve sua admiração:

- Como você é bonita!

- Não é mesmo... - respondeu docemente a flor - e nasci ao mesmo tempo que o sol...



O pequeno príncipe logo percebeu que ela não era muito modesta, mas era tão encantadora!

– Acho que está na hora do café da manhã – acrescentou ela. – Você poderia ter a bondade de cuidar de mim...

E o pequeno príncipe, atordoado, foi buscar um regador com água fresca e serviu a flor.



Assim, ela logo começou a perturbar com sua vaidade meio insegura. Um dia, por exemplo, falando de seus quatro espinhos, disse ao pequeno príncipe:

– Podem vir tigres com suas garras...



– Não há tigres no meu planeta – objetou o pequeno príncipe –, e, além disso, tigres não comem plantas.

– Eu não sou uma planta – respondeu docemente a flor.

– Perdão...

– Não tenho medo de tigres, mas tenho horror de correntes de ar. Você não teria um biombo?

“Horror de correntes de ar... Isso não é bom para uma planta”, pensou o pequeno príncipe.

“Essa flor é bem complicada...”

– À noite, coloque-me em uma redoma de vidro. Faz muito frio no seu planeta. Não é confortável. Lá de onde eu venho...

Mas calou-se. Ela viera em forma de semente.

Não havia conhecido nada dos outros mundos.

Constrangida por ter-se deixado pegar em uma mentira tão ingênua, tossiu duas ou três vezes para fazê-lo sentir-se culpado:

– E o biombo?...

– Eu ia buscá-lo, mas você não parava de falar...

Então ela forçou a tosse para causar-lhe remorso.



Assim, o pequeno príncipe, apesar da sinceridade do seu amor, logo começou a duvidar dela.

Havia levado a sério palavras sem importância e ficara muito triste.

– Eu não deveria ter dado ouvidos a ela – confiou-me ele um dia. – Nunca se deve ouvir as flores. Só olhá-las e cheirá-las. A minha perfumava o meu planeta, mas eu não sabia como desfrutar disso. Aquela história de garras, que tanto me irritou, deveria ter me enternecido...

Confiou-me ainda:

– Não pude compreender nada! Eu deveria tê-la julgado pelos atos e não pelas palavras. Ela me perfumava e me iluminava. Eu não deveria ter fugido. Deveria ter percebido a ternura por trás de suas mentirinhas bobas. As flores são tão contraditórias! Mas eu era muito jovem para saber amá-la.



Capítulo 9



Creio que, para fugir, ele aproveitou uma migração de pássaros selvagens. Na manhã da partida, ele pôs seu planeta em ordem. Limpou cuidadosamente os vulcões em atividade. Ele possuía dois vulcões em atividade. E era bem fácil esquentar o café da manhã. Possuía também um vulcão extinto. Mas, como ele dizia: “Nunca se sabe.” Então, limpou

também o vulcão extinto. Se estiverem bem limpos, os vulcões queimam devagar e regularmente, sem erupções. Erupções vulcânicas são como fogo de lareira.

Evidentemente, na nossa terra, somos pequenos demais para limpar nossos vulcões. É por isso que eles nos causam tantos problemas.



O pequeno príncipe arrancou também, com um pouco de melancolia, os últimos brotos de baobá. Ele acreditava que não voltaria mais. Mas todos aqueles trabalhos domésticos lhe pareceram, naquela manhã, extremamente agradáveis. E, quando regou pela última vez a flor e preparava-se para deixá-la protegida na redoma, ele sentiu vontade de chorar.

– Adeus – disse ele à flor.

Mas ela não lhe respondeu.

– Adeus – repetiu ele.

A flor tossiu. Mas não foi por causa do seu resfriado.

– Fui tola – disse-lhe ela, enfim. – Peço perdão. Trate de ser feliz.

Ficou surpreso com a falta de reclamações. Ficou ali parado, todo sem jeito, com a redoma nas mãos. Não compreendia aquela tranquila doçura.

– Mas é claro que eu te amo – disse-lhe a flor.
– Você não percebeu, por minha culpa. Não tem importância. Mas você foi tão tolo quanto eu. Trate de ser feliz... Deixe essa redoma. Não preciso mais dela.

– Mas o vento...

– Não estou tão resfriada assim... O ar fresco da noite me fará bem. Sou uma flor.

– Mas os bichos...

– É preciso que eu suporte duas ou três lagartas se eu quiser conhecer as borboletas. Dizem que são tão bonitas. Se não, quem virá me visitar? Você estará longe. Quanto aos bichos, não tenho medo. Tenho minhas garras.

E mostrou ingenuamente seus quatro espinhos. Depois acrescentou:

– Não demore assim, é irritante. Você decidiu ir embora, vá de uma vez.

Ela não queria que ele a visse chorar. Era uma flor tão orgulhosa...

Capítulo 10

Ele se encontrava na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330. Começou por visitá-los para procurar uma ocupação e para instruir-se.

O primeiro era habitado por um rei. Vestido de púrpura e arminho, o rei sentava-se em um trono muito simples, porém majestoso.



– Ah! Um súdito! – Gritou o rei quando viu o pequeno príncipe. E este perguntou a si mesmo: “Como é que ele pode me reconhecer se nunca me viu?”

Ele não sabia que, para os reis, o mundo é muito mais simples. Todos são súditos.

– Aproxime-se para que eu possa vê-lo melhor – disse-lhe o rei, que estava todo orgulhoso de, enfim, ser rei de alguém.

O pequeno príncipe olhou em volta buscando um lugar para se sentar, mas o planeta estava todo coberto pelo magnífico manto de arminho.

Ficou, então, em pé e, como estava cansado, bocejou.

– É contra a etiqueta bocejar na presença de um rei – disse-lhe o monarca. – Eu o proíbo.

– Não posso evitar – respondeu o pequeno príncipe todo constrangido. – Fiz uma longa viagem e não dormi...

– Então – disse-lhe o rei – ordeno que boceje. Há anos não vejo alguém bocejar. Bocejos, para mim, são raridades. Vamos! Boceje de novo. É uma ordem.

– Isso me intimida... Não consigo mais... – respondeu o pequeno príncipe, enrubescendo.

– Hum! Hum! – Respondeu o rei. – Então eu lhe ordeno a ora bocejar, ora...

Ele gaguejava e parecia envergonhado.

O rei fazia questão de que sua autoridade fosse respeitada. Não tolerava a desobediência.

Era um monarca absoluto. Mas, como ele era muito bom, dava ordens razoáveis.

– Se eu ordenasse – dizia ele tranquilamente – a um general que se transformasse em uma gaivota e ele não obedecesse, não seria culpa dele. Seria culpa minha.

– Posso me sentar? – Perguntou timidamente o pequeno príncipe.

– Eu ordeno que se sente – respondeu o rei, recolhendo majestosamente uma parte do seu manto de arminho.

Mas o pequeno príncipe estava espantado. O planeta era minúsculo. Sobre o que o rei poderia reinar?

– Majestade... – disse-lhe – Peço licença para perguntar...

– Ordeno que me interrogue – apressou-se em dizer o rei.

– Majestade... sobre quem reinais?

– Sobre tudo – respondeu o rei com uma grande simplicidade.

– Sobre tudo?

O rei, com um gesto discreto, apontou seu planeta, os outros planetas e as estrelas.

– Sobre tudo isso? – Perguntou o pequeno príncipe.

– Sobre tudo isso – respondeu o rei.

Pois não era apenas um monarca absoluto, mas um monarca universal.

– E as estrelas vos obedecem?

– É claro que sim – disse-lhe o rei. – Elas obedecem prontamente. Não tolero indisciplina.

Tamanho poder maravilhou o pequeno príncipe.

Se ele próprio detivesse tanto poder assim, teria podido assistir não a quarenta e três, mas a setenta e dois, ou mesmo a cem, ou mesmo a duzentos pores do sol no mesmo dia, sem precisar arrastar a cadeira!

E como ele estava se sentindo um pouco triste por causa da lembrança do seu pequeno planeta abandonado, atreveu-se a solicitar uma graça ao rei:

– Eu gostaria de ver um pôr do sol... Por favor... Ordenai ao sol que se ponha...

– Se eu ordenasse a um general voar de uma flor a outra, como uma borboleta, ou escrever uma tragédia, ou transformar-se em uma gaivota, e se o general não executasse a ordem recebida, quem estaria errado, ele ou eu?

– Vós – disse com firmeza o pequeno príncipe.

– Exato. Deve-se exigir de cada um o que cada um pode dar – replicou o rei. – A autoridade baseia-se, antes de tudo, na razão. Se você ordenar a um povo que se jogue no mar, ele se rebelará. Tenho o direito de exigir a obediência porque minhas ordens são razoáveis.

– E então, meu pôr do sol? – Lembrou o pequeno príncipe, que jamais esquecia uma questão, uma vez que a tivesse feito.

– Seu pôr do sol, você o terá. Eu exigirei. Mas esperarei, segundo o meu conhecimento de governante, que as condições sejam favoráveis.

– Quando será isso? – Tentou saber o pequeno príncipe.

– Hum... Bem... – respondeu-lhe o rei, consultando primeiro um grande calendário. – Será lá por... por... será esta noite lá pelas sete e quarenta! E você verá como sou bem obedecido.

O pequeno príncipe bocejou. Sentia falta de seu pôr do sol.

Além disso, já estava ficando meio entediado:

– Não tenho mais nada para fazer aqui – disse ao rei. – Vou embora.

– Não vá – respondeu o rei, que estava tão orgulhoso por ter um súdito. – Não vá, eu o faço ministro!

– Ministro de quê?

– De... da justiça!

– Mas não há ninguém para ser julgado!

– Nunca se sabe – disse o rei. – Ainda não percorri todo o meu reino. Estou muito velho, não tenho espaço para uma carruagem, e caminhar me cansa muito.

– Oh! Mas eu já vi – disse o pequeno príncipe, inclinando-se para dar uma olhada do outro lado do planeta. – Lá também não há ninguém...

– Então você julgará a si mesmo – respondeu o rei. – É o mais difícil. É bem mais difícil julgar a si mesmo do que julgar os outros. Se você conseguir julgar a si mesmo, é porque você é um verdadeiro sábio.

– Posso julgar a mim mesmo em qualquer lugar – disse o pequeno príncipe. – Não preciso morar aqui.

– Hum... hum... – disse o rei. – Creio que, em algum lugar do meu planeta, há um velho rato. Eu o escuto à noite. Você poderá julgar esse velho rato. Você o condenará à morte de tempos em tempos. Assim, a vida dele dependerá da sua justiça. Mas você o perdoará todas as vezes que o condenar, para poupá-lo. Só temos um.

– Não gosto de condenar à morte – disse o pequeno príncipe. – E acho que vou embora.

– Não – disse o rei.

Mas o pequeno príncipe, tendo terminado seus preparativos, não quis afligir o velho monarca:

– Se Vossa Majestade desejasse ser pontualmente obedecido, poderia me dar uma ordem razoável. Poderia ordenar-me, por exemplo, partir dentro de um minuto. Parece-me que as condições são favoráveis...

Como o rei não respondeu, o pequeno príncipe hesitou um pouco, suspirou e, depois, partiu...

– Eu o nomeio embaixador – apressou-se em gritar o rei.

Tinha um ar de grande autoridade.

“Os adultos são muito estranhos” - pensou consigo o pequeno príncipe durante a viagem.

Capítulo 11

O segundo planeta era habitado por um vaidoso.

– Ah! Chegou um admirador! – gritou o vaidoso assim que viu o pequeno príncipe.



Pois, para os vaidosos, todas as pessoas são suas admiradoras.

– Bom dia – disse o pequeno príncipe. – O senhor está usando um chapéu esquisito.

– É para saudar – respondeu-lhe o vaidoso. – Para saudar as pessoas quando me aplaudem. Infelizmente, nunca passa ninguém por aqui.

– É mesmo? – disse o pequeno príncipe, que não entendeu.

– Bata as mãos uma contra a outra – aconselhou então o vaidoso.

O pequeno príncipe bateu as mãos uma contra a outra. O vaidoso saudou modestamente, levantando o chapéu.

“Isso é mais divertido do que a visita ao rei”, disse para si mesmo o pequeno príncipe. E recomeçou a bater as mãos uma contra a outra. O vaidoso saudou novamente, levantando o chapéu.

Após cinco minutos desse exercício, o pequeno príncipe cansou-se da monotonia da brincadeira:

– E para que o chapéu caia – perguntou ele – o que é preciso fazer?

Mas o vaidoso não o ouviu. Vaidosos só ouvem os elogios.

– Você me admira muito, não é mesmo? –
perguntou ele ao pequeno príncipe.

– O que significa “admirar”?

– “Admirar” significa reconhecer que eu sou o
homem mais bonito, mais bem vestido, mais rico e
mais inteligente do planeta.

– Mas você está sozinho no seu planeta!

– Então me dê este prazer. Admire-me mesmo
assim!

– Eu o admiro – disse o pequeno príncipe,
dando de ombros. – Mas de quê isso pode lhe servir?

E o pequeno príncipe foi embora.

“Os adultos são, decididamente, muito
esquisitos”, pensou consigo durante a viagem.

Capítulo 12

O planeta seguinte era habitado por um bêbado. Essa visita foi muito curta, mas deixou o pequeno príncipe profundamente triste:



– O que você está fazendo aqui? – Disse ele ao bêbado, que se encontrava parado, em silêncio, diante de inúmeras garrafas vazias e inúmeras garrafas cheias.

– Estou bebendo – respondeu o bêbado com ar triste.

– Por que você bebe? – Perguntou-lhe o pequeno príncipe.

– Para esquecer – respondeu o bêbado.

– Esquecer o quê? – Indagou o pequeno príncipe, que já começava a sentir pena dele.

– Para esquecer que tenho vergonha – confessou o bêbado, baixando a cabeça.

– Vergonha de quê? – Quis saber o pequeno príncipe, que desejava ajudá-lo.

– Vergonha de beber! – Concluiu o bêbado, fechando-se definitivamente no seu silêncio.

E o pequeno príncipe foi embora perplexo.

“Os adultos são, decididamente, muito, muito esquisitos”, pensava consigo durante a viagem.

Capítulo 13

O quarto planeta era o do homem de negócios. Esse homem estava tão ocupado que nem sequer levantou a cabeça quando o pequeno príncipe chegou.



– Bom dia – disse-lhe o pequeno príncipe. – Seu cigarro está apagado.

– Três mais dois são cinco. Cinco mais sete, doze. Doze mais três são quinze. Bom dia. Quinze mais sete, vinte e dois. Vinte e dois mais seis, vinte e oito. Não tenho tempo para acendê-lo. Vinte e seis mais cinco, trinta e um. Ufa! Dá um total de quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um.

– Quinhentos milhões de quê?

– Hein? Você ainda está aí? Quinhentos e um milhões de... nem sei mais... tenho tanto trabalho! Sou um homem sério, não me entretenho com futilidades! Dois mais cinco, sete...

– Quinhentos e um milhões de quê? – Repetiu o pequeno príncipe, que nunca na vida desistira de uma pergunta depois de fazê-la.

O homem de negócios levantou a cabeça:

– Nos cinquenta e quatro anos em que moro neste planeta só fui incomodado três vezes. A primeira foi há vinte e dois anos, por um besouro que havia caído sabe Deus de onde. Ele fazia um barulho terrível e me fez errar quatro vezes uma soma. A segunda vez foi há onze anos, por causa de uma crise de reumatismo. Por falta de exercício. Não tenho tempo

para passear. Sou um homem sério. A terceira vez... é esta! Eu estava dizendo, então, quinhentos e um milhões...

– Milhões de quê?

O homem de negócios compreendeu que não teria sossego:

– Milhões dessas coisinhas que a gente vê de vez em quando no céu.

– Moscas?

– Não. Coisinhas que brilham.

– Abelhas?

– Não. Coisinhas douradas que fazem sonhar os desocupados. Mas eu sou sério! Não tenho tempo de sonhar.

– Ah! Estrelas?

– Isso mesmo. Estrelas.

– E o que você faz com quinhentos milhões de estrelas?

– Quinhentos e um milhões, seiscentas e vinte e duas mil, setecentas e trinta e uma. Sou sério, sou preciso.

– E o que você faz com essas estrelas?

– O que eu faço com elas?

– Sim.

– Nada. Eu as possuo.

– Você possui estrelas?
– Sim.
– Mas eu já vi um rei que...
– Os reis não possuem. Eles “reinem” sobre. É muito diferente.

– E para que serve possuir estrelas?
– Serve para me deixar rico.
– E para que serve ser rico?
– Para comprar outras estrelas, se alguém achar.
“Esse aí”, pensou o pequeno príncipe, “raciocina um pouco como o bêbado.”

No entanto, fez ainda algumas perguntas:
– Como é possível possuir estrelas?
– De quem elas são? – Retrucou, exaltado, o homem de negócios.

– Sei lá. De ninguém.
– Então são minhas, porque tive a ideia primeiro.

– Isso basta?
– Claro. Quando você encontra um diamante que não é de ninguém, ele é seu. Quando você encontra uma ilha que não é de ninguém, ela é sua. Quando você tem uma ideia antes de todo mundo, você a registra: ela é sua. E eu possuo as estrelas porque ninguém antes de mim pensou em possuí-las.

– Isso é verdade – disse o pequeno príncipe. – E o que você faz com elas?

– Eu as administro. Eu as conto e reconto – disse o homem de negócios. – É difícil. Mas sou um homem sério!

O pequeno príncipe ainda não estava satisfeito.

– Eu, se tenho um lenço, posso colocá-lo no pescoço e levá-lo comigo. Se tenho uma flor, posso colhê-la e levá-la comigo. Mas você não pode colher as suas estrelas!

– Não, mas posso colocá-las em um banco.

– O que quer dizer isso?

– Quer dizer que escrevo em um papel o número de estrelas que possuo e tranco em uma gaveta.

– Só isso?

– Isso basta!

“Divertido”, pensou o pequeno príncipe. “É poético, mas não pode ser levado a sério.”

A respeito das coisas sérias, o pequeno príncipe tinha ideias muito diferentes das que tinham as pessoas grandes.

– Eu – disse ele ainda – possuo uma flor que rego todos os dias. Possuo três vulcões que limpo toda semana. Limpo também o que está extinto. Nunca se

sabe. É útil para os meus vulcões, é útil para a minha flor que eu os possua. Mas você não é útil para as estrelas...

O homem de negócios abriu a boca, mas não encontrou palavras para responder, e o pequeno príncipe se foi.

“Os adultos são, decididamente, extraordinários”, dizia consigo durante a viagem.

Capítulo 14

O quinto planeta era muito curioso. Era o menor de todos. Havia lugar somente para um lampião e um acendedor de lampiões. O pequeno príncipe não conseguia entender para que serviam, em alguma parte do céu, em um planeta sem casa nem população, um lampião e um acendedor de lampiões.



No entanto, disse consigo:

“Talvez esse homem seja louco. Entretanto, é menos louco do que o rei, o vaidoso, o homem de negócios e o bêbado. Pelo menos, seu trabalho tem um sentido. Quando ele acende seu lampião, é como se fizesse nascer uma estrela a mais, ou uma flor. Quando apaga seu lampião, faz adormecer a estrela ou a flor. É uma ocupação muito bonita. É verdadeiramente útil por ser bonita.”

Assim que chegou ao planeta, cumprimentou respeitosamente o acendedor:

- Bom dia, por que você apagou seu lampião?
- É o regulamento – respondeu o acendedor. –

Bom dia.

- O que é o regulamento?
- É apagar meu lampião. Boa noite.

E ele o acendeu novamente.

- Mas por que você o reacendeu?
- É o regulamento – respondeu o acendedor.

– Não entendo – disse o pequeno príncipe.

– Não há nada para entender – disse o acendedor. – O regulamento é o regulamento. Bom dia.

E apagou seu lampião.

Depois enxugou a testa com um lenço xadrez vermelho.

– Executo um trabalho terrível. Era mais sensato antigamente. Eu apagava de manhã e acendia à noite. Eu tinha o resto do dia para descansar, e o resto da noite para dormir...

– E depois mudou o regulamento?

– O regulamento não mudou – disse o acendedor. – É justamente esse o problema! O planeta, a cada ano, gira mais rápido, e o regulamento não mudou!

– Então? – Disse o pequeno príncipe.

– Então, agora que ele dá uma volta por minuto, não tenho mais nem um segundo de descanso. Acendo e apago o lampião a cada minuto!

– Que engraçado! Os dias aqui duram um minuto!

– Não é nada engraçado – disse o acendedor. – Já faz um mês que estamos conversando.

– Um mês?

– Sim. Trinta minutos. Trinta dias! Boa noite. E reacendeu seu lampião.

O pequeno príncipe olhou-o e gostou daquele acendedor tão fiel ao regulamento.

Lembrou-se dos pores do sol que ele podia contemplar antigamente apenas mudando a cadeira de lugar.

Quis ajudar seu amigo:

– Sabe... Conheço um jeito de você descansar quando quiser...

– Quero sempre – disse o acendedor.

Pois a gente pode ser, ao mesmo tempo, fiel e preguiçoso.

O pequeno príncipe prosseguiu:

– O seu planeta é tão pequeno que você pode dar a volta em torno dele com três passos. É só andar bem devagar para ficar sempre ao sol. Quando quiser descansar, ande... e o dia durará o tempo que você quiser.

– Não adianta muita coisa – disse o acendedor.

– O que eu gosto na vida é dormir.

– Então não tem jeito – disse o pequeno príncipe.

– Não tem jeito – disse o acendedor. – Bom dia. E apagou seu lampião.

“Esse aí”, pensou o pequeno príncipe enquanto seguia viagem, “seria desprezado por todos os outros, pelo rei, pelo vaidoso, pelo bêbado e pelo homem de

negócios. No entanto, é o único que não me parece ridículo. Talvez seja porque ele se ocupa de outra coisa que não dele mesmo.”

Com um suspiro, lamentou:

“Esse é o único que poderia ter sido meu amigo. Mas seu planeta é realmente muito pequeno. Não há espaço para dois...”

O que o pequeno príncipe não ousava confessar é que ele lamentava deixar aquele planeta abençoado com mil quatrocentos e quarenta pores do sol a cada vinte e quatro horas!

Capítulo 15

O sexto planeta era dez vezes mais vasto. Era habitado por um velho que escrevia livros enormes.



– Olha! Chegou um explorador! – Gritou ele ao ver o pequeno príncipe.

O pequeno príncipe sentou-se à mesa meio ofegante. Viajara tanto!

– De onde você vem? – Disse-lhe o velho.

– Que livro grande é esse? – Disse o pequeno príncipe. – O que o senhor faz aqui?

– Sou geógrafo – disse o velho.

– O que é um geógrafo?

– É um estudioso que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas e os desertos.

– Isso é muito interessante – disse o pequeno príncipe. – É, enfim, uma verdadeira profissão!

E deu uma olhada no planeta do geógrafo. Nunca vira um planeta tão majestoso.

– É muito bonito o seu planeta. Há oceanos aqui?

– Não sei dizer – disse o geógrafo.

– Ah! – o pequeno príncipe estava decepcionado. – E montanhas?

– Não sei dizer – disse o geógrafo.

– E cidades, flores, desertos?

– Também não sei dizer – disse o geógrafo.

– Mas o senhor é geógrafo!

– Isso mesmo, – disse o geógrafo – mas não sou explorador. Faltam-me exploradores. Não cabe ao geógrafo contar as cidades, os rios, as montanhas, os mares, os oceanos e os desertos. O geógrafo é importante demais para passear por aí. Ele não sai de seu escritório. Mas recebe seus exploradores. Interroga-os e anota seus relatos. E se os relatos de

algum deles lhe parecem interessantes, o geógrafo investiga a confiabilidade do explorador.

– Por que isso?

– Porque um explorador mentiroso causaria catástrofes nos livros de geografia. Assim como um explorador que bebe demais.

– Por que isso? – perguntou o pequeno príncipe.

– Por que os bêbados enxergam as coisas em dobro. Então, o geógrafo anotaria duas montanhas onde há uma só.

– Conheço alguém – disse o pequeno príncipe – que seria um mau explorador.

– É possível. Então, quando o explorador parece confiável, investiga-se a sua descoberta.

– Indo vê-la?

– Não. É muito complicado. Mas exige-se que o explorador apresente provas. Quando se trata, por exemplo, da descoberta de uma grande montanha, exige-se que ele traga grandes pedras.

De repente, o geógrafo se animou.

– Mas você... você vem de longe! Deve ser explorador! Você vai me descrever o seu planeta!

E o geógrafo, tendo aberto seu caderno de anotações, apontou seu lápis. Anotam-se primeiro a

lápiz os relatos dos exploradores. Só se anota com caneta depois que o explorador apresenta as provas.

– E então? – interrogou o geógrafo.

– Oh, o meu planeta – disse o pequeno príncipe – não é muito interessante, é muito pequeno. Tenho três vulcões. Dois em atividade e um extinto. Mas nunca se sabe.

– Nunca se sabe – disse o geógrafo.

– Tenho também uma flor.

– Não anotamos flores – disse o geógrafo.

– Por quê? É o que há de mais bonito!

– Porque as flores são efêmeras.

– O que significa “efêmero”?

– Os livros de geografia – disse o geógrafo – são os mais sérios de todos os livros. Nunca ficam ultrapassados. É muito raro que uma montanha mude de lugar. É muito raro que um oceano seque. Escrevemos coisas eternas.

– Mas os vulcões extintos podem voltar à atividade – interrompeu o pequeno príncipe. – O que significa “efêmero”?

– Que os vulcões estejam extintos ou em atividade, dá no mesmo para nós. O que importa para nós é a montanha. Ela não muda.

– Mas o que significa “efêmero”? – repetiu o pequeno príncipe, que nunca na vida desistira de uma pergunta, uma vez que a tivesse feito.

– Significa “que está ameaçado de desaparecer em breve”.

– Minha flor está ameaçada de desaparecer em breve?

– Sem dúvida.

“Minha flor é efêmera”, pensou o pequeno príncipe, “e só tem quatro espinhos para se defender do mundo! E eu a deixei sozinha no meu planeta!”

Essa foi sua primeira sensação de arrependimento. Mas logo recobrou a coragem:

– Que planeta o senhor me aconselha visitar? – Perguntou.

– O planeta Terra – respondeu-lhe o geógrafo.

– Tem boa reputação...

E o pequeno príncipe se foi, pensando em sua flor.



Capítulo 16

O sétimo planeta foi, pois, a Terra.

A Terra não é um planeta qualquer! Nela contam-se cento e onze reis (não esquecendo, é claro, os reis negros), sete mil geógrafos, novecentos mil homens de negócios, sete milhões e meio de bêbados, trezentos e onze milhões de vaidosos, ou seja, cerca de dois bilhões de pessoas grandes.

Para lhes dar uma ideia das dimensões da Terra, direi que, antes da invenção da eletricidade, era preciso manter, para o conjunto dos seis continentes, um exército de quatrocentos e sessenta e dois mil, quinhentos e onze acendedores de lampiões.

Visto de uma certa distância, isso causava um efeito esplêndido. Os movimentos desse exército eram organizados como os de um balé. Primeiro era a vez dos acendedores de lampiões da Nova Zelândia e da Austrália.

Depois, estes, tendo acendido seus lampiões, iam dormir. Então, entravam na dança, por sua vez, os acendedores de lampiões da China e da Sibéria. Depois, eles também desapareciam nos bastidores.

Então, chegava a vez dos acendedores de lampiões da Rússia e da Índia. Depois, dos da África e da Europa. Depois, dos da América do Sul. Depois, dos da América do Norte.

E eles nunca se enganavam na ordem de entrar em cena. Era grandioso.

Somente o acendedor do único lampião do Polo Norte e seu colega do único lampião do Polo Sul levavam uma vida de ociosidade e despreocupação: trabalhavam duas vezes por ano.



Capítulo 17

Quando queremos fazer graça, acontece de mentirmos um pouco.

Não fui muito honesto ao falar-lhes sobre os acendedores de lampiões. Posso ter dado uma ideia falsa de nosso planeta àqueles que não o conhecem. As pessoas ocupam pouco espaço na Terra.

Se os dois bilhões de habitantes que a povoam ficassem em pé bem próximos uns dos outros, como em um comício, ocupariam tranquilamente uma praça pública de cerca de trinta quilômetros de comprimento por trinta de largura.

Seria possível fazer caber a humanidade toda na menor das ilhas do Pacífico.

Os adultos, é claro, não acreditarão. Eles imaginam ocupar um grande espaço. Julgam-se importantes como baobás.

Vocês podem aconselhá-los a fazer o cálculo. Eles adoram números: isso os agradará. Mas não percam tempo com isso. É inútil. Vocês confiam em mim.

O pequeno príncipe, uma vez na Terra, ficou surpreso por não ver ninguém. Já receava ter se enganado de planeta, quando um anel cor de lua mexeu-se na areia.

– Boa noite – disse o pequeno príncipe, por via das dúvidas.

– Boa noite – disse a serpente.

– Em que planeta eu caí? – Perguntou o pequeno príncipe.

– Na Terra, na África – respondeu a serpente.



– Ah!... Não há ninguém na Terra?

– Aqui é o deserto. Não há ninguém nos desertos. A Terra é grande – disse a serpente.

O pequeno príncipe sentou-se sobre uma pedra e ergueu os olhos para o céu:

– Eu me pergunto – disse ele – se as estrelas brilham para que um dia cada um possa encontrar a sua. Olhe o meu planeta. Está bem em cima de nós... Mas como está distante!

– Ele é bonito – disse a serpente. – O que você veio fazer aqui?

– Estou com problemas com uma flor – disse o pequeno príncipe.

– Ah! – Fez a serpente.

E calaram-se.

– Onde estão as pessoas? – voltou, enfim, a perguntar o pequeno príncipe. – A gente se sente um pouco só no deserto...

– A gente se sente só também entre as pessoas – disse a serpente.

O pequeno príncipe observou-a longamente:

– Você é um bicho engraçado, – disse-lhe – fina como um dedo...



– Mas sou mais poderosa do que o dedo de um rei – disse a serpente.

O pequeno príncipe deu um sorriso:

– Você não é tão poderosa... Você nem tem patas... Nem mesmo pode viajar...

– Posso levá-lo mais longe do que um navio – disse a serpente.

Enrolou-se no tornozelo do pequeno príncipe como um bracelete de ouro:

– Aquele em quem toco, levo de volta à terra de onde veio – continuou. – Mas você é puro e vem de uma estrela...

O pequeno príncipe nada respondeu.

– Tenho pena de você, tão frágil nesta Terra de granito. Posso ajudá-lo um dia se você sentir muita falta do seu planeta. Posso...

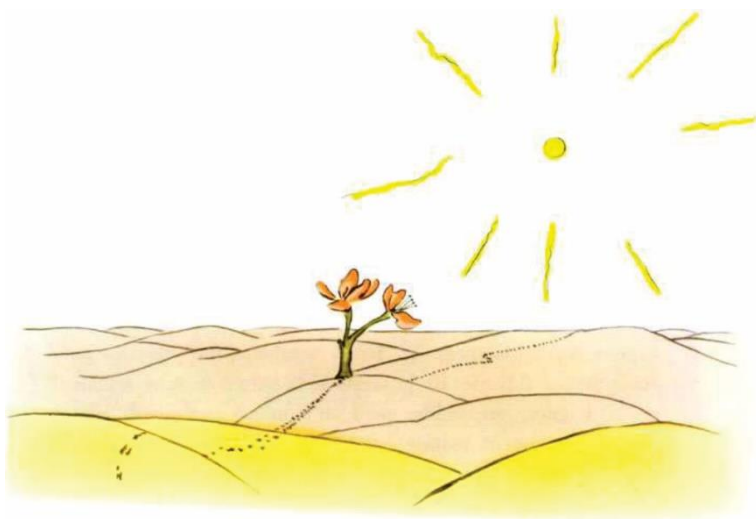
– Oh! Entendi muito bem – disse o pequeno príncipe. – Mas por que você fala sempre através de enigmas?

– Eu os resolvo todos – disse a serpente.

E eles se calaram.

Capítulo 18

O pequeno príncipe atravessou o deserto e só encontrou uma flor. Uma flor de três pétalas, uma florzinha de nada...



- Bom dia – disse o pequeno príncipe.
 - Bom dia – disse a flor.
 - Onde estão as pessoas? – Perguntou educadamente o pequeno príncipe.
- A flor tinha visto, um dia, passar uma caravana:

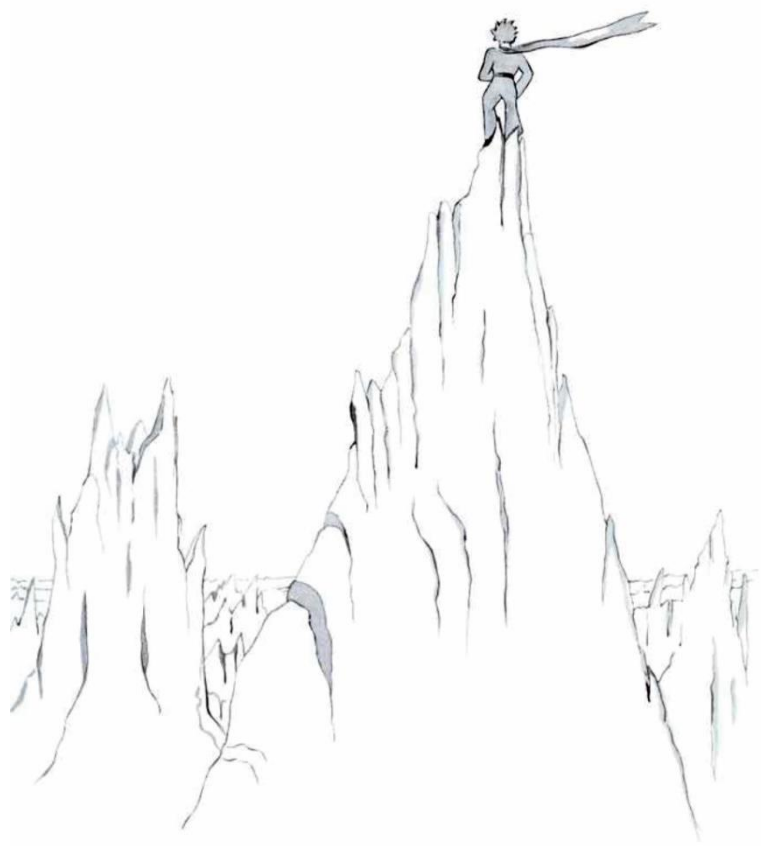
– As pessoas? Elas existem, acho que seis ou sete. Eu as vi há alguns anos. Mas nunca se sabe onde encontrá-las. O vento as leva. Não possuem raízes. Isso é um problema.

– Adeus – disse o pequeno príncipe.

– Adeus – disse a flor.

Capítulo 19

O pequeno príncipe escalou uma alta montanha. As únicas montanhas que ele conhecera eram os três vulcões que batiam na altura dos seus joelhos. E ele usava o vulcão extinto como tamborete.



“De uma montanha alta como esta”, pensou, “verei, de uma vez só, todo o planeta e todas as pessoas...”

Porém, só viu picos de rochas pontudas como agulhas.

– Bom dia – disse ao acaso.

– Bom dia... bom dia... bom dia... – repetiu o eco.

– Quem é você? – Perguntou o pequeno príncipe.

– Quem é você... quem é você... quem é você... – respondeu o eco.

– Sejam meus amigos, estou sozinho – disse ele.

– Estou sozinho... estou sozinho... estou sozinho... – respondeu o eco.

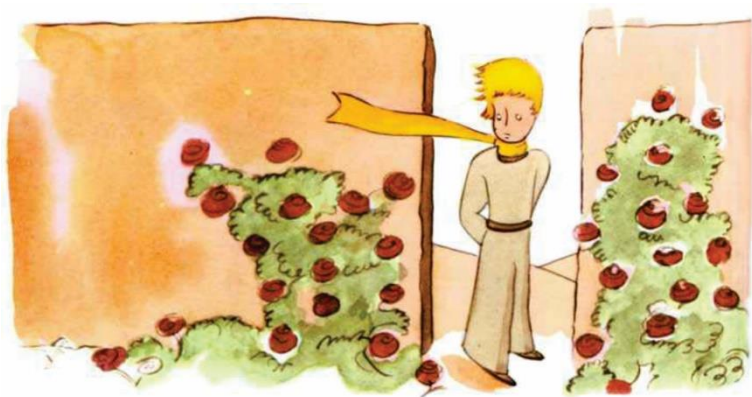
“Que planeta esquisito!” pensou ele, então. “Totalmente seco, pontudo e salgado. E as pessoas não têm imaginação. Repetem o que a gente diz... No meu planeta, eu tinha uma flor: ela era sempre a primeira a falar...”

Capítulo 20

Mas aconteceu que o pequeno príncipe, tendo caminhado muito tempo pelas areias, pelas rochas e pela neve, descobriu, enfim, uma estrada. E todas as estradas levam às pessoas.

– Bom dia – disse ele.

Era um jardim repleto de rosas.



– Bom dia – disseram as rosas.

O pequeno príncipe olhou-as. Eram todas parecidas com a sua flor.

– Quem são vocês? – Perguntou, surpreso.

– Somos rosas – disseram as rosas.

– Ah! ... – fez o pequeno príncipe.

E sentiu-se muito infeliz. Sua flor lhe havia dito que era a única de sua espécie no universo.

E eis que havia cinco mil, todas iguais, em um único jardim!



“Ela ficaria envergonhada”, pensou ele, “se visse isso... Tossiria fortemente e fingiria estar morrendo para fugir do ridículo. E eu seria obrigado a fingir socorrê-la, pois, senão, para me humilhar, ela poderia morrer de verdade...”

Depois, continuou a refletir:

“Eu me achava rico por ter uma flor única, e possuo apenas uma rosa comum. Isso e os meus três vulcões da altura dos meus joelhos, dos quais um

talvez esteja extinto para sempre, não fazem de mim
um grande príncipe...”

E, deitado na relva, chorou.

Capítulo 21

Foi então que apareceu a raposa.



– Bom dia – disse a raposa.

– Bom dia – respondeu educadamente o pequeno príncipe, que olhou à sua volta, mas não viu ninguém.

– Estou aqui – disse a voz – debaixo da macieira...

– Quem é você? – Disse o pequeno príncipe. – Você é bem bonita...

– Sou uma raposa – disse a raposa.

– Venha brincar comigo, – propôs-lhe o pequeno príncipe – estou tão triste...

– Não posso brincar com você – disse a raposa.
– Ainda não fui cativada.

– Ah! Desculpe – disse o pequeno príncipe.

Mas, após refletir, ele acrescentou:

– O que significa “cativar”?

– Você não é daqui. – disse a raposa. – O que está procurando?

– Estou procurando as pessoas – respondeu o pequeno príncipe. – O que significa “cativar”?

– As pessoas – disse a raposa – têm armas e caçam. É assustador! Elas também criam galinhas. É a única coisa de interessante que elas fazem. Você está procurando galinhas?

– Não. – disse o pequeno príncipe – Estou procurando amigos. O que significa “cativar”?

– É uma coisa muito esquecida hoje em dia. – disse a raposa. – Significa “criar laços”...

– Criar laços?

– Exatamente – disse a raposa. – Por enquanto, você é para mim um garotinho semelhante a cem mil outros. E eu não preciso de você. E você também não precisa de mim. Sou para você apenas uma raposa semelhante a cem mil outras. Mas, se você me cativar,

nós precisaremos um do outro. Você será para mim único no mundo. Serei única no mundo para você...

– Estou começando a entender – disse o pequeno príncipe. – Há uma flor... Acho que ela me cativou...

– É possível – disse a raposa. – Vê-se de tudo na Terra...

– Oh! Não foi na Terra – disse o pequeno príncipe.

A raposa pareceu muito intrigada:

– Foi em outro planeta?

– Sim.

– Há caçadores nesse planeta?



- Não.
- Interessante! E galinhas?
- Não.
- Nada é perfeito – suspirou a raposa.

Mas voltou à sua ideia:

– Minha vida é monótona. Caço as galinhas, os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem e todos os homens se parecem. Fico meio entediada. Mas, se você me cativar, minha vida ficará iluminada. Identificarei um barulho de passos que será diferente de todos os outros. Os outros passos me farão esconder-me na toca. Os seus me chamarão para fora dela, como uma música. E depois, olhe! Está vendo, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão. O trigo, para mim, é inútil. Os campos de trigo não significam nada para mim. E isso é triste! Mas você tem cabelos cor de ouro. Então, será maravilhoso quando você tiver me cativado! O trigo, que é dourado, me fará lembrar de você. E eu amarei o barulho do vento no trigo...

A raposa calou-se e observou por bastante tempo o pequeno príncipe:

- Por favor... Cative-me! – pediu ela.

– Eu gostaria, – respondeu o pequeno príncipe – mas não tenho muito tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas para conhecer.

– Só conhecemos as coisas que cativamos – disse a raposa. – As pessoas não têm mais tempo para conhecer coisa alguma. Compram tudo pronto nas lojas. Mas, como não existem lojas de amigos, não têm mais amigos. Se você quiser um amigo, cativa-me!

– O que é preciso fazer? – quis saber o pequeno príncipe.

– É preciso ser muito paciente – respondeu a raposa. – Você se senta primeiro um pouco afastado de mim, assim, sobre a relva. Eu fico olhando para você de canto de olho, e você não diz nada. A linguagem é fonte de mal-entendidos. Mas, a cada dia, você se senta um pouco mais perto...

No dia seguinte, o pequeno príncipe voltou.

– Teria sido melhor se você voltasse à mesma hora – disse a raposa. – Se você vier, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três horas já começarei a ficar feliz. Quanto mais a hora for passando, mais me sentirei feliz. Às quatro horas, ficarei agitada e inquieta: descobrirei o preço da felicidade! Mas, se você vier a qualquer momento, nunca saberei quando preparar meu coração... É preciso que haja um ritual.



– O que é um ritual? – Indagou o pequeno príncipe.

– É algo também muito esquecido hoje em dia – respondeu a raposa. – É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias, uma hora diferente das outras horas. Meus caçadores, por exemplo, têm um ritual. Eles dançam às quintas-feiras com as moças do vilarejo. Então, a quinta-feira é um dia maravilhoso! Posso passear até a vinha. Se os caçadores dançassem em qualquer dia, os dias seriam todos parecidos, e eu não teria descanso.

Assim, o pequeno príncipe cativou a raposa. E quando chegou a hora da partida:

– Ah! – Disse a raposa. – Vou chorar.

– Culpa sua – disse o pequeno príncipe. – Eu não queria lhe fazer mal. Mas você quis que eu a cativasse...

– Quis... – disse a raposa.

– Mas você vai chorar!

– Vou – disse a raposa.

– Então você não ganha nada com isso.

– Ganho, sim, – disse a raposa – por causa da cor do trigo.

E acrescentou:

– Vá rever as rosas. Você entenderá que a sua é única no mundo. Volte para me dizer adeus e eu lhe presenteari com um segredo.

O pequeno príncipe foi rever as rosas:

– Vocês não são nada parecidas com a minha rosa, vocês não são nada ainda – disse-lhes o pequeno príncipe. – Ninguém cativou vocês e vocês ainda não cativaram ninguém. Vocês são como era a minha raposa. Era apenas uma raposa igual a cem mil outras. Mas fiz dela minha amiga e, agora, ela é única no mundo.

E as rosas ficaram chateadas.

– Vocês são belas, mas são vazias – disse-lhes ainda. – Ninguém daria a vida por vocês. Qualquer um que passasse por aqui acharia, certamente, que a minha rosa se parece com vocês. Mas ela, sozinha, é mais importante do que todas vocês, pois foi ela que eu reguei. Foi ela que coloquei sob uma redoma de vidro. Foi ela que protegi com um biombo. Foi por ela que matei as lagartas (exceto duas ou três, por causa das borboletas). Foi ela que eu escutei reclamar ou vangloriar-se, ou mesmo, às vezes, calar-se. Porque ela é a minha rosa.

E voltou até a raposa:

– Adeus... – disse ele.

– Adeus – disse a raposa. – Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.

– O essencial é invisível aos olhos – repetiu o pequeno príncipe, para não se esquecer.

– Foi o tempo que você perdeu com a sua rosa que a fez tão importante.

– Foi o tempo que perdi com minha rosa... – repetiu o pequeno príncipe, para não se esquecer.

– As pessoas esqueceram essa verdade. – disse a raposa – Mas você não deve esquecê-la. Você se torna

eternamente responsável por aquilo que cativa. Você é responsável por sua rosa...

– Eu sou responsável por minha rosa... – repetiu o pequeno príncipe, para não se esquecer.



Capítulo 22

~ Bom dia – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – disse o manobreiro.

– O que você está fazendo aqui? – Perguntou o pequeno príncipe.

– Eu separo os passageiros em blocos de mil – disse o manobreiro. – Despacho os trens que os levam, uns para um lado, outros para outro.

E um trem iluminado, barulhento como um trovão, fez tremer a cabine do manobreiro.

– Estão muito apressados – observou o pequeno príncipe. – O que eles querem?

– Nem o maquinista sabe – respondeu o manobreiro.

E, no sentido inverso, passou um segundo trem iluminado fazendo barulho.

– Já estão voltando? – Perguntou o pequeno príncipe.

– Não são os mesmos – explicou o manobreiro.
– É uma troca.

– Não estavam contentes onde estavam?

– Ninguém está contente onde quer que esteja – disse o manobreiro.

E ouviu-se o estrondo de um terceiro trem iluminado.

– Estão perseguindo os primeiros viajantes? – perguntou o pequeno príncipe.

– Não estão perseguindo nada – respondeu o manobreiro. – Estão dormindo lá dentro, ou, então, bocejando. Só as crianças é que ficam apertando o nariz contra o vidro.

– Só as crianças sabem o que querem – disse o pequeno príncipe. – Perdem tempo com uma boneca de pano, e ela se torna tão importante, que choram se lhes é tirada.

– Felizes são elas... – suspirou o manobreiro.

Capítulo 23

~ Bom dia – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – disse o vendedor.

Era um vendedor de pílulas desenvolvidas para matar a sede. Toma-se uma por semana e não se tem mais necessidade de beber.

– Por que você vende isso? – Quis saber o pequeno príncipe.

– É uma grande economia de tempo – explicou o vendedor. – Especialistas fizeram os cálculos. Economizam-se cinquenta e três minutos por semana.

– O que se faz com esses cinquenta e três minutos?

– Cada um faz o que quiser...

“Eu”, pensou o pequeno príncipe, “se tivesse cinquenta e três minutos para gastar, caminharia tranquilamente até uma fonte...”



Capítulo 24

Estávamos no oitavo dia da minha pane no deserto, e ouvi a história do vendedor, tomando a última gota de minha reserva de água:

– Ah! – disse eu ao pequeno príncipe –, são bem bonitas as suas lembranças, mas eu ainda não consertei meu avião, não tenho mais nada para beber e também ficaria contente se pudesse caminhar tranquilamente até uma fonte!

– Minha amiga raposa me disse...

– Meu rapazinho, não se trata mais de raposa!

– Por quê?

– Porque vamos morrer de sede..

Ele não entendeu meu raciocínio e respondeu:

– É bom ter tido um amigo, mesmo que a gente vá morrer. Estou bem contente por ter tido uma raposa como amiga...

“Ele não percebe o perigo”, pensei comigo. “Nunca tem sede ou fome. Um pouco de sol lhe basta...”

Mas ele me olhou e, como se estivesse respondendo ao meu pensamento, disse:

– Estou com sede também... Vamos procurar um poço...

Reagi com desânimo: é absurdo sair procurando um poço ao acaso na imensidão do deserto. Mesmo assim, pusemo-nos a caminhar.

Após algumas horas de caminhada em silêncio, a noite caiu e as estrelas começaram a brilhar. Eu as via como em um sonho, estando um pouco febril por causa da sede. As palavras do pequeno príncipe dançavam na minha memória.

– Você também está com sede? – perguntei-lhe.

Mas ele não respondeu a minha pergunta. Disse-me simplesmente:

– A água pode ser boa também para o coração...

Não entendi sua resposta, mas me calei... Eu bem sabia que não adiantava interrogá-lo.

Ele estava cansado. Sentou-se. Sentei-me perto dele. E depois de um silêncio, ele disse ainda:

– As estrelas são belas por causa de uma flor que não se pode ver.

Respondi “é verdade” e fiquei olhando, em silêncio, as ondulações da areia sob o luar.

– O deserto é belo – acrescentou ele...

E era verdade. Sempre gostei do deserto. A gente se senta numa duna. Não se vê nada. Não se

ouve nada. E, no entanto, alguma coisa irradia no silêncio...

– O que deixa belo o deserto – disse o pequeno príncipe – é que ele esconde um poço em algum lugar...

Fiquei surpreso por compreender de repente essa misteriosa irradiação da areia. Quando eu era pequeno, morava em uma casa antiga, e dizia a lenda que havia um tesouro enterrado lá. É claro que nunca ninguém conseguiu descobri-lo, nem mesmo o procurou. Mas isso encantava a casa toda. Minha casa escondia um segredo no fundo de seu coração...

– Sim – disse eu ao pequeno príncipe –, seja a casa, as estrelas ou o deserto, o que faz a beleza de todos eles é invisível.

– Fico contente – disse ele – que você esteja de acordo com minha raposa.

Como o pequeno príncipe havia adormecido, peguei-o no colo e continuei a caminhar. Eu estava comovido. Parecia que eu estava levando um tesouro frágil. Eu tinha mesmo a impressão de que não havia nada de mais frágil sobre a Terra. Eu olhava, à luz da lua, aquela fronte pálida, aqueles olhos fechados, aquelas mechas de cabelo que tremiam ao vento e me

dizia: “O que eu vejo é apenas uma casca. O mais importante é invisível...”

Como seus lábios entreabertos esboçavam um meio sorriso, pensei ainda: “O que mais me comove nesse pequeno príncipe adormecido é a sua fidelidade a uma flor, é a imagem de uma rosa que irradia nele como a chama de uma lamparina, mesmo quando ele dorme...” E eu o sentia mais frágil ainda. É preciso proteger as lamparinas: um sopro de vento pode apagá-las...

E assim, caminhando, descobri o poço ao amanhecer.



Capítulo 25

~ Os homens – disse o pequeno príncipe – entram nos trens, mas não sabem mais o que estão buscando. Então, agitam-se, sem saber para onde ir.

E acrescentou:

– E isso não leva a nada...

O poço a que tínhamos chegado não se parecia com os poços do Saara. Estes são simples buracos cavados na areia. Aquele parecia um poço de vilarejo. Mas não havia nenhum vilarejo por ali, e eu pensava estar sonhando.

– É estranho – disse eu ao pequeno príncipe –, tudo está pronto: a roldana, o balde e a corda...

Ele riu, pegou a corda, fez girar a roldana. Esta gemeu como geme um velho cata-vento que volta a girar depois de muito tempo adormecido.

– Está ouvindo? – disse o pequeno príncipe. – Despertamos este poço, e ele está cantando...

Eu não queria que ele fizesse esforço:

– Deixe que eu faça isso – disse-lhe. – É pesado demais para você.

Lentamente, icei o balde até a borda do poço. Coloquei-o em pé, bem firme. Em meus ouvidos, ainda soava o canto da roldana e, na água que ainda se movimentava, eu via ondular-se o reflexo do sol.



– Tenho sede dessa água – disse o pequeno príncipe. – Dê-me de beber.

E eu compreendi o que ele buscara. Ergui o balde até sua boca. Ele bebeu com os olhos fechados. Era doce como uma festa. Aquela água era muito mais que um alimento. Ela nascera da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço de meus braços. Fazia bem ao coração, como um presente. Quando eu era menino, a luz da árvore de Natal, a música da missa da meia-noite, a doçura dos sorrisos faziam o encantamento do presente de Natal que eu ganhava.

– As pessoas do seu planeta – disse o pequeno príncipe – cultivam cinco mil rosas em um mesmo jardim e não encontram nele o que procuram...

– Não encontram... – respondi.

– E, no entanto, o que elas procuram poderia ser encontrado em uma única rosa ou em um pouco de água...

– Tem razão – respondi.

E o pequeno príncipe acrescentou:

– Mas os olhos são cegos. É preciso procurar com o coração.

Eu havia bebido água. Respirava bem. A areia, ao amanhecer, tinha a cor do mel. Essa cor de mel

também me deixava feliz. Por que, então, essa sensação de tristeza?

– Você precisa cumprir a sua promessa – disse-me docemente o pequeno príncipe, que se sentara novamente perto de mim.

– Que promessa?

– Você sabe... uma focinheira para o meu carneiro... Sou responsável por aquela flor!

Tirei do bolso meus esboços de desenho. O pequeno príncipe viu-os e disse, rindo:

– Seus baobás parecem repolhos...

– Oh!

E eu que estava tão orgulhoso dos baobás!

– Sua raposa... as orelhas dela... lembram chifres... e são muito compridas!

E riu de novo.

– Você está sendo injusto, rapazinho, eu não sabia desenhar nada além de jiboias fechadas e jiboias abertas.

– Oh! Não faz mal – disse ele. – As crianças entendem.

Rabisquei, então, uma focinheira. Mas senti o coração apertado ao entregá-la:

– Você tem planos que eu desconheço...

Mas ele não respondeu. Disse-me:

– Lembra-se da minha chegada à Terra?
Amanhã será o aniversário...

Depois de um silêncio, continuou:

– Caí pertinho daqui...

E enrubesceu.

Outra vez, sem compreender por quê, senti uma tristeza estranha. Contudo, uma questão me ocorreu:

– Então não foi por acaso que, na manhã em que te conheci, oito dias atrás, você vagava sozinho há mil milhas de qualquer região habitada! Você estava voltando ao lugar onde havia caído?

O pequeno príncipe ficou vermelho de novo.

E acrescentei, hesitando:

– Por causa, talvez, do aniversário?...

O pequeno príncipe corou mais uma vez. Ele nunca respondia às perguntas, mas, quando a gente fica vermelho, é como se dissesse “sim”, não é mesmo?

– Ah! – disse-lhe eu. – Tenho medo...

Mas ele me respondeu:

– Você precisa trabalhar agora. Precisa voltar a cuidar da sua máquina. Vou ficar esperando você aqui. Volte amanhã à noite...

Mas eu não estava tranquilo. Lembrava-me da raposa. Corremos o risco de chorar um pouco quando nos deixamos cativar...

Capítulo 26

Havia, ao lado do poço, as ruínas de um velho muro de pedra. Quando cheguei de meu trabalho, no dia seguinte, à noitinha, vi de longe meu pequeno príncipe sentado no alto do muro, com as pernas balançando. E eu o escutei dizer:

– Você não se lembra, então? Não era aqui! – disse ele.

Uma outra voz deve ter-lhe respondido, já que ele replicou:

– Sim! Sim! É esse o dia, mas não o lugar...

Continuei minha caminhada na direção do muro. Não via nem ouvia ninguém. Entretanto, o pequeno príncipe replicou novamente:

– É claro. Você verá onde começa o meu rastro na areia. É só me esperar. Estarei lá esta noite.

Eu estava a vinte metros do muro e continuava a não ver nada.

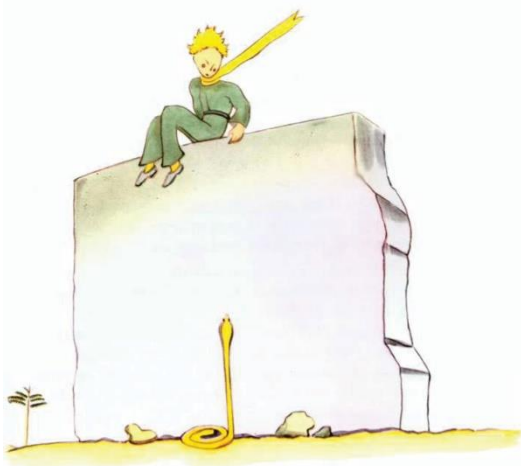
O pequeno príncipe disse, ainda, após um silêncio:

– O seu veneno é do bom? Tem certeza de que não vai me fazer sofrer por muito tempo?

Parei, o coração apertado, mas ainda sem nada compreender.

– Agora vá embora – disse ele. – Quero descer!

Então, baixei os olhos ao pé do muro e dei um pulo! Lá estava, erguida na direção do pequeno príncipe, uma dessas serpentes amarelas que matam em trinta segundos. Procurando meu revólver no bolso, apressei o passo, mas, com o barulho que fiz, a serpente deslizou na areia como um jato d'água que seca de repente e, sem se apressar, enfiou-se entre as pedras com um leve ruído de metal.



Cheguei ao muro bem a tempo de tomar nos braços o meu principezinho, pálido como a neve.

– Que história é essa? Você agora fala com serpentes?

Afrouxei o lenço dourado que ele sempre usava no pescoço. Molhei sua testa e lhe dei água. E agora, eu já não ousava lhe perguntar nada. Olhou-me seriamente e enroscou os braços em meu pescoço. Eu sentia o seu coração bater como o de um pássaro que morre com um tiro de carabina. Disse-me:

– Fico contente que você tenha encontrado o que faltava para sua máquina. Você vai poder voltar para casa...

– Como é que você sabe?

Eu vinha justamente lhe contar que, contra toda expectativa, eu havia conseguido terminar o conserto!

Ele não respondeu à minha pergunta, mas acrescentou:

– Eu também volto para casa hoje...

Depois, melancólico:

– É bem mais longe, bem mais difícil...

Eu sentia que algo de extraordinário se passava. Apertava-o nos braços como a uma criancinha e, no entanto, parecia que ele deslizava verticalmente para um abismo sem que eu pudesse fazer nada para segurá-lo...

Seu olhar estava sério, perdido, longe...

– Tenho o carneiro que você me deu. E a caixa para o carneiro. E a focinheira...

E sorriu com melancolia.

Esperei bastante tempo. Eu sentia que ele estava se reaquecendo aos poucos:

– Meu rapazinho, você teve medo...

Tivera medo, certamente. Mas riu docemente:

– Terei muito mais medo esta noite...

Novamente me senti gelar pela sensação do irreparável. E compreendi que eu não suportava a ideia de nunca mais ouvir aquele riso. Ele era para mim como uma fonte no deserto.

– Menininho, quero voltar a ouvir seu riso...

Mas ele me disse:

– Esta noite, fará um ano. Minha estrela se encontrará exatamente em cima do lugar em que caí no ano passado...

– Amiguinho, não foi só um pesadelo essa história de serpente, de encontro e de estrela?...

Mas ele não respondeu à minha pergunta. Disse-me:

– O que é importante não se vê...

– Realmente...

– É como com a flor. Se você ama uma flor que está em uma estrela, é doce olhar o céu à noite. Todas as estrelas estarão floridas.

– É verdade...

– É como a água. Aquela que você me deu para beber era como uma música por causa da roldana e da corda. Você se lembra?... Era tão boa....

– É claro...

– Você olhará as estrelas à noite. A minha é pequena demais para que se consiga vê-la. É melhor assim. Qualquer estrela, para você, poderá ser a minha. Terá prazer em contemplar todas elas. Serão todas suas amigas. E eu lhe darei um presente...

Riu outra vez.

– Ah, meu amiguinho, meu amiguinho... gosto tanto de ouvir esse riso!

– Pois é justamente esse o meu presente... Será como a água...

– O que você quer dizer com isso?

– As pessoas veem as estrelas de maneiras diferentes. Para os que viajam, as estrelas são guias. Para outros, são somente luzinhas. Para os sábios, são problemas. Para o meu homem de negócios, eram ouro. Mas todas essas estrelas se calam. Você olhará estrelas como nunca ninguém olhou...

– O que você quer dizer?

– Quando você olhar o céu à noite, eu habitarei uma delas e estarei rindo. Então, será para você como se todas as estrelas rissem. Só você verá estrelas que sabem rir!

E riu de novo.

– E quando você estiver consolado (a gente sempre se consola), ficará contente por ter me conhecido. Você será sempre meu amigo. Terá vontade de rir comigo. E abrirá, às vezes, a janela por simples prazer... E seus amigos ficarão surpresos de vê-lo rir olhando o céu. Então, você lhes dirá: “sim, as estrelas sempre me fazem rir!” E eles acharão que você está louco. E eu terei lhe pregado uma boa peça...

E riu de novo.

– Será como se eu lhe tivesse dado, em vez de estrelas, um monte de pequenos guizos que sabem rir...

Riu outra vez e, depois, voltou a ficar sério:

– Esta noite, você sabe... não venha.

– Não abandonarei você.

– Parecerei sofrer... poderá parecer que estarei morrendo. É assim. Não venha ver, não vale a pena...

– Não abandonarei você.

Mas ele estava preocupado.

– Digo isso... também por causa da serpente. Para que ela não morda você. As serpentes são más. Podem morder por prazer...

– Não abandonarei você.

Mas algo o tranquilizou:

– É verdade que elas não têm veneno para uma segunda mordida...

Naquela noite, não o vi partir. Saíra sem fazer barulho. Quando consegui alcançá-lo, ele caminhava decidido, num passo rápido. Disse-me somente:

– Ah! Você está aí...

E segurou a minha mão. Mas inquietou-se de novo:

– Você fez mal em vir. Vai sofrer. Parecerei estar morto, mas isso não será verdade...

Fiquei em silêncio.



– Você entende. É longe demais. Não posso levar este corpo. É muito pesado.

Fiquei em silêncio.

– Mas será como uma velha casca abandonada.
Não há nada de triste em uma velha casca...

Fiquei em silêncio.

Demonstrou um certo desânimo, mas fez ainda um esforço:

– Será bonito, sabe? Eu também olharei as estrelas. Todas serão poços com uma roldana enferrujada. Todas me darão de beber...

Continuei em silêncio.

– Será tão divertido! Você terá quinhentos milhões de guizos e eu terei quinhentos milhões de fontes...

E ele também se calou, porque estava chorando...

– É aqui. Deixe-me caminhar sozinho.

E sentou-se, pois estava com medo.



Disse ainda:

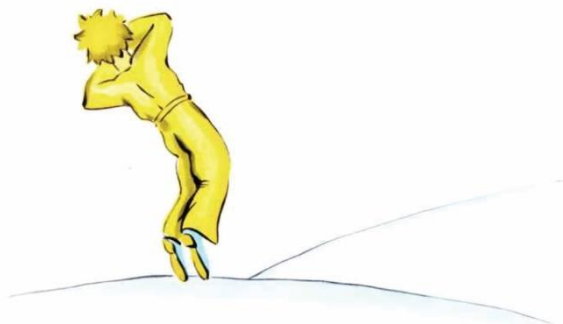
– Você sabe... minha flor... sou responsável por ela! E ela é tão frágil! E tão ingênua. Tem quatro espinhos de nada para protegê-la do mundo...

Sentei-me porque não conseguia mais manter-me em pé. Ele disse:

– Pronto... É isso...

Hesitou um pouco ainda, depois levantou-se. Deu um passo. Eu não conseguia me mexer.

Houve apenas uma faísca amarela perto de seu tornozelo. Ficou imóvel por um instante. Não gritou. Caiu lentamente, como uma árvore. Nem mesmo fez barulho, por causa da areia.





Capítulo 27

✿ agora já faz seis anos... Nunca havia contado esta história. Os companheiros que me reencontraram ficaram contentes por me reverem vivo. Eu estava triste, mas dizia-lhes: “É o cansaço...”

Agora, já me conformei um pouco. Ou melhor... não totalmente. Mas sei que ele voltou para o seu planeta, pois, ao amanhecer, não encontrei seu corpo. Não era um corpo tão pesado... E gosto, à noite, de escutar as estrelas. É como se fossem quinhentos milhões de guizos...

Mas eis que se passa algo de extraordinário. Na focinheira que desenhei para o pequeno príncipe, esqueci de colocar a correia de couro! Ele jamais poderá prendê-la no carneiro. Então, fico me perguntando: “O que terá acontecido no seu planeta? Talvez o carneiro tenha comido a flor...”

Às vezes penso: “Certamente não! O pequeno príncipe protege sua flor todas as noites sob a redoma de vidro e vigia cuidadosamente seu carneiro...” Então, fico feliz. E todas as estrelas riem docemente.

Outras vezes, penso: “Uma distração uma vez ou outra é o que basta! Ele esqueceu, uma noite, de colocar a redoma ou, então, o carneiro saiu sem fazer ruído...” E todos os guizos se transformam em lágrimas! Eis aí um grande mistério.

Para vocês que também amam o pequeno príncipe, assim como para mim, todo o universo muda se, em algum lugar, não se sabe onde, um carneiro que não conhecemos comeu ou não uma rosa... Olhem o céu. Perguntem a si mesmos: “O carneiro comeu ou não a flor?” E verão como tudo muda...

E nenhuma pessoa grande jamais entenderá o quanto isso é importante! Esta é, para mim, a mais bela e a mais triste paisagem do mundo.

É a mesma paisagem da página anterior, mas eu a desenhei mais uma vez para mostrá-la bem. Foi aqui que o pequeno príncipe apareceu na Terra e, depois, desapareceu.

Olhem com atenção esta paisagem para terem certeza de que a reconhecerão se viajarem um dia para a África, pelo deserto.

E se passarem por lá, peço-lhes que não tenham pressa, esperem um pouco sob a estrela! Se, então, uma criança vier até vocês, se ela rir, se tiver cabelos dourados, se não responder quando lhe perguntarem algo, vocês adivinharão quem é.

Então, sejam gentis!

Não me deixem tão triste: escrevam-me depressa
dizendo que ele voltou...



Organização e Edição

Rô Mierling

Gaúcha, escritora, roteirista e antologista. Autora de sete livros publicados, incluindo "Diário de uma Escrava" (DarkSide Books) e "Caça e Caçador" (Mundos Paralelos – Ed. Abril). Convidada especial em diversas coletâneas nacionais e internacionais, organizou e publicou mais de 50 antologias, incluindo 5 livros bilíngues estimulando o desenvolvimento da escrita de novos autores. Publicou junto a editoras na Espanha, Irlanda do Norte, Portugal, França e Argentina. Ministra cursos de escrita criativa. Cronista no jornal paranaense Diário dos Campos e colunista nas revistas internacionais Sotaque (Porto/Portugal) e Resonancias (Argentina/França). Morando atualmente em Buenos Aires, atua junto ao Centro Cultural da Embaixada Brasileira de Buenos Aires, divulgando a literatura brasileira. www.romierling.com.br

Tradutoras

Andréa Correa Paraiso Müller

Licenciada em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), mestre em Estudos Literários pela mesma instituição e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Desde 1999, é professora de Língua e Literatura Francesa no curso de Letras Português/Francês da UEPG. Também é docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UEPG.

Janeffer Desselman

Graduada em Licenciatura em Letras Português/Francês, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Como pesquisa de conclusão de curso de graduação, desenvolveu o trabalho intitulado: “O narrador e o leitor no adulto e na criança em *O pequeno príncipe*”. Especialista pelo programa de Especialização em História, Arte e Cultura da UEPG, aprofundou os estudos sobre Exílio e Resistência na vida e obra de Antoine de Saint-Exupéry e atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da mesma instituição. Sua pesquisa é voltada para as relações entre o adulto e a criança nas obras de Saint-Exupéry escritas em período bélico.

Para cativar novos leitores

Um dos livros mais vendidos em todo o mundo agora disponível para os apreciadores do Pegaí Leitura Grátis.

O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry foi a primeira obra de domínio público escolhida pelo Instituto Pegaí Leitura Grátis para ser impressa, com milhares de exemplares espalhados pelas cidades onde atua contentando outros milhares de leitores por aí.

O livro de 1943 nunca esteve tão atual, e ganha agora versão Pegaí. Uma história de valores para uma sociedade que está em busca deles. Assim como a raposa, o Pegaí Leitura Grátis quer cativar novos leitores.

Quer uma obra melhor que um clássico como O Pequeno Príncipe para se criar laços com os livros?

Assim como seu autor, dedicamos esta obra para as crianças que moram dentro de todos os adultos. E também para os pequenos, aqueles que realmente não estão muito preocupados com números e estatísticas, mas sim com a simplicidade das coisas.

Na hora de ler este clássico – ao menos nessa hora – a dica do Pegaí é que sejamos menos reis, homens de negócios ou vaidosos, e sejamos mais crianças.

Porque “adultos são decididamente, muito, muito esquisitos”.

